

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

SUELI DE OLIVEIRA CASTRO

O CONCEITO DE MEMÓRIA EM TOMÁS DE AQUINO A PARTIR
DA OBRA '*A MEMÓRIA E A REMINISCÊNCIA*' DE ARISTÓTELES

NITERÓI - RJ
JULHO/2017

SUELI DE OLIVEIRA CASTRO

O CONCEITO DE MEMÓRIA EM TOMÁS DE AQUINO A PARTIR
DA OBRA ‘A *MEMÓRIA E A REMINISCÊNCIA*’ DE ARISTÓTELES

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal Fluminense
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Filosofia.

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Sergio Faitanin

NITERÓI - RJ

JULHO/2017

SUELI DE OLIVEIRA CASTRO

O CONCEITO DE MEMÓRIA EM TOMÁS DE AQUINO A PARTIR
DA OBRA 'A MEMÓRIA E A REMINISCÊNCIA' DE ARISTÓTELES

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal Fluminense
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Filosofia.

Aprovada em de de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR. PAULO SERGIO FAITANIN - UFF
ORIENTADOR

PROF. DR. BERNARDO VEIGA - UCP
EXAMINADOR

PROF. DR. DIOGO DE FRANÇA GURGEL - UFF
EXAMINADOR

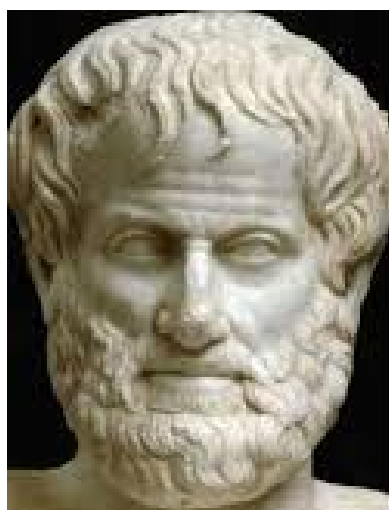
NITERÓI

2017

Dedico esta monografia primeiramente aos meus filhos: Letícia de Oliveira Castro e filho Mario Henrique de Oliveira Castro; a minha nora Cristiane Alves Amaral de Castro e a minha grande amiga Sanidei Aparecida Monteiro, e para todos que, direta ou indiretamente, me apoiaram e incentivaram na conclusão deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal Fluminense – pela qualidade do ensino público e gratuito e a todos os professores desta instituição – em especial ao professor e orientador Paulo Faitanin pelo apoio e incentivo quanto à realização de minha pesquisa; pelas suas críticas tão necessárias e fundamentais, sem as quais, não seria possível concluir o meu trabalho; por acreditar na minha autonomia, mostrando-me a possibilidade que havia em mim para realização desta pesquisa; enfim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para realização desta dissertação.



A memória é o escriba da alma...

Aristóteles

Aristóteles

 PENSADOR



A luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus,
por isso não se podem contradizer entre si.

(Santo Tomás de Aquino)

 kd frases

RESUMO

Neste trabalho tenho por intenção apresentar e expor os pensamentos de Aristóteles e Tomás de Aquino quanto à *memória e a reminiscência*, onde Tomás de Aquino em seu comentário ao tratado *A memória e a reminiscência*, de Aristóteles, busca esclarecer os caminhos percorridos pela memória com vista na relação entre a memória e a reminiscência no processo do intelecto para uma construção do conhecimento.

Este tratado de Aristóteles está contido entre as obras da *Parva Naturalia*, um conjunto de pequenos tratados sobre a física e a antropologia filosófica. A análise da obra de Aristóteles feita por Tomás de Aquino tornou possível, investigar a natureza da memória, tanto no seu sentido estrito, ou da lembrança, quanto o propósito da reminiscência, entendida como a capacidade de evocar o passado. A análise da obra foi dividida em dois momentos: no primeiro momento, temos apresentada a definição de memória, e as considerações sobre, de que modo a memória pertence à parte intelectual e sensitiva. No segundo momento, será apresentado o conceito de reminiscência, as causas e o modo pelo qual ocorre a reminiscência, e descreve a necessária relação entre a reminiscência e o tempo. Apresentando, portanto, o que é próprio da reminiscência e as considerações sobre as diferenças entre memória e reminiscência.

Assim, apresenta a memória como sendo indispensável para o conhecimento intelectual, implicando uma reciprocidade entre as respectivas operações dos sentidos e percepções, deste modo, evocando apropriações das imagens no pensamento. Tomás discorre sobre a obra de Aristóteles, examinando o processo de reminiscência ou rememoração e como são tratadas essas representações mentais, abordando como consequência o propósito da memória nas questões fundamentais do intelecto, buscando entendimento quanto sua organização no processo voluntário e involuntário das representações mentais.

Palavras chaves: Aristóteles, Tomás de Aquino, memória, reminiscência.

ABSTRACT

In this work I intend to present and explain the thoughts of Aristotle and Aquinas on memory and reminiscence, where Tomas Aquinas in his commentary on Aristotle's treatise *On Memory and Reminiscence* seeks to clarify the paths traveled by memory with a view to Relationship between memory and reminiscence in the process of the intellect for a construction of knowledge.

This treatise of Aristotle is contained among the works of the *Parva Naturalia*, a set of small treatises on physics and philosophical anthropology. The analysis of Aristotle's work by Thomas Aquinas made it possible to investigate the nature of memory, either in its strict sense or in remembrance, as the purpose of reminiscence, understood as the ability to evoke the past. The analysis of the work was divided in two moments: in the first moment, we have presented the definition of memory, and the considerations on how the memory belongs to the intellective and sensitive part. In the second moment, the concept of reminiscence occurs, will be presented, and it describes the necessary relation between reminiscence and time. Thus presenting what is proper to reminiscence and considerations about the difference between memory and reminiscence.

Thus, it presents memory as being indispensable for intellectual knowledge, implying reciprocity between the respective operations of de senses and perceptions, thus evoking appropriations of images in thought. Thomas discusses the work of Aristotle, examining the process of reminiscence or recollection, and how these mental representations are treated, addressing as a consequence the purpose of memory in the fundamental question of the intellect, seeking to understand how much its organization in the voluntary and involuntary process of mental representations.

Keywords: Aristotle, Thomas Aquinas, memory, reminiscence.

SUMÁRIO

Introdução	10
Justificativa	11
Objetivo	12
Capítulo 1 A ‘Memória’ em Aristóteles	13
1.1. Vida e Obra de Aristóteles.....	13
1.2. A obra ‘A memória e a reminiscência’ de Aristóteles.....	15
1.3. O conceito de ‘memória’ em Aristóteles	18
Capítulo 2 A ‘Memória’ em Tomás de Aquino	21
2.1. Vida e Obra de Tomás de Aquino	21
2.2. O comentário à obra ‘A memória e a reminiscência’ de Aristóteles	25
2.3. O conceito de ‘memória’ em Tomás de Aquino.....	29
Conclusão	35
Bibliografia	37

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem a intenção de expor uma breve análise do conceito de 'memória' em Tomás de Aquino nos seus estudos sobre o comentário ao livro *A memória e a reminiscência* de Aristóteles¹, onde investiga a natureza da memória, o seu objetivo, e expõe correlativamente o conceito de 'reminiscência', que é própria dos seres humanos.

Tomás analisa a noção de reminiscência, já desenvolvida por Aristóteles e concordava com a teoria do conhecimento de Aristóteles, ou seja, de que conhecemos através de processos contínuos de abstração e, a partir daquilo que nos é dado pelos sentidos. Tomás considera a memória como um dos sentidos internos, uma potência do intelecto e parte intelectiva da alma, porém, diz ser a memória parte da prudência, ordenada a reter as formas sensíveis, onde existe para guardar o passado, vivificar o presente e modificar o futuro.

Daí ser ela, conforme ensina o Aquinate, uma potência ou capacidade própria da natureza intelectiva humana, pela qual o intelecto apreende, conserva e recorda algum conhecimento passado. Como bem notou, também, Aristóteles, ou seja, a memória como um estado de percepção e a reminiscência como uma posse de algo já conhecido².

Daí parte para um estudo sobre a formação do pensamento na alma e no corpo, onde a percepção e as imagens aparecem como eixo na construção do conhecimento, destacando o carácter indispensável da memória para o conhecimento intelectivo³. Pois, a razão tem a capacidade de relacionar, multiplicar, ampliar, aniquilar, associar, organizar, inverter, recompor as imagens retidas pela imaginação e contidas na memória sensível.

¹ TOMÁS DE AQUINO, *Comentário sobre "A memória e a reminiscência" de Aristóteles*. Tradução, edição e notas Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. 1ª Edição. São Paulo: Edipro, 2016.

² FAITANIN, P. "A memória segundo Tomás de Aquino", *Aquinate*, 3 (2006), p.125. Consultado em maio de 2017: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/estudo-faitanin-memoria.pdf>

³ TOMÁS DE AQUINO, *De veritate*, q.10, a. 2.

Tomás começa definindo a memória dizendo ser ela uma potência para o inesquecível. Em seu trabalho sobre o pensamento de Aristóteles, Tomás vai distinguir a memória da reminiscência procurando identificar na memória os caminhos percorridos para sua capacidade de retenção e na reminiscência para sua capacidade de recordação, daí, ser ela uma potência pela qual o intelecto aprende, conserva e recorda o que já foi conhecido.

Ao investigar a reminiscência, diz que a reminiscência se refere a algo que alguém aprendeu. Daí a afirmar a estreita relação com o tempo, calcada na ideia de não ser possível recordar senão o passado, pois do agora só há percepção e do futuro só há expectativa. Tomás de Aquino sobre o estudo da obra de Aristóteles, sobre o ponto de vista da teoria do conhecimento, diz não ser possível a memória existir sem o auxílio das imagens e mostra a relação da memória com o conhecimento sensível.

Portanto, apesar da memória ser comum a alguns animais, há pelo menos dois aspectos que a diferenciam nos homens:

Primeiro, pela reminiscência, como o ato de memorizar que intencionalmente investiga, como em um silogismo, a partir de um princípio que é mais conhecido do que estava oculto, que estava na memória⁴.

Segundo, enquanto o homem precisa das imagens sensíveis para adquirir conhecimento. Esse, porém, não é sensível, mais começa pelos sentidos, de modo a ser guardado pela memória – e pela imaginação.

JUSTIFICATIVA

Diante da relevante importância da memória na construção do conhecimento o estudo da “formação do conteúdo da mente”, a partir da filosofia, implica na compreensão de vários aspectos, dos vários modos que estão envolvidos na forma do criar, do reter, do lembrar e esquecer, envolvidos na construção do conhecimento.

Desde Platão e Aristóteles, falamos da memória não só em termos de presença/ausência, mas também em termos de lembrança, de rememoração. Tomás de Aquino em sua doutrina da imaginação e das paixões oferece uma análise que pode ser retomada por diferentes setores da filosofia, da ciência e

⁴ FAITANIN, P.; VEIGA, B., “Introdução” in: Tomás de Aquino, *Comentário sobre “A memória e a reminiscência” de Aristóteles*. 1a Edição. SP: Edipro, 2016, p. 25.

da teologia. Sua doutrina, além de atual, ofereceu certa inovação quanto aos processos mentais para construção do conhecimento.

No homem, a memória é a porta da frente da nossa casa mental, e ainda que, de maneira incompleta e imperfeita, capaz de explicar o passado e projetar o futuro. A memória é a única que constitui possibilidades para se adquirir conhecimento, a única explicação a respeito de como essa representação (mental) é possível. As reflexões aristotélicas inspiraram inúmeras propostas e modelos cognitivos de organização e funcionamento da memória. Desta forma, o estudo desse tema, até os dias atuais, oferece vários aspectos a serem considerados e investigados sobre a natureza da memória.

Aristóteles desenvolveu um pensamento que explica os caminhos e as conexões mentais com o ambiente desprovido das funções superiores da mente. Nesse aspecto, o movimento observado na construção da memória por Aristóteles, reformulou o conceito de reminiscência, assim, sendo base para uma grande quantidade de estudos e pesquisas sobre a natureza da memória, incluído a de Tomás de Aquino. Essa questão foi de crucial importância na construção do desenvolvimento do homem e de como e onde a consciência entra e de que forma exerce sua função na construção da realidade.

OBJETIVO

Com o intuito de estudar o conceito de memória, buscando entender a importante relação da mente e as operações cognitivas da memória, busquei esclarecer de que modo a memória pertence à parte intelectual e sensitiva, identificando, a relação entre a memória e a reminiscência na construção do conhecimento. De igual modo, procurei distinguir a memória da reminiscência, como capacidade exclusiva do intelecto, identificando o modo pelo qual a memória e a reminiscência consideram o tempo. E para introduzir e contextualizar este estudo apresentei a vida e a obra dos referidos autores tidos como referências, Aristóteles e Tomás de Aquino.

CAPÍTULO 1

A MEMÓRIA EM ARISTÓTELES

1.1. Vida e Obra de Aristóteles.

A Vida

Aristóteles nasceu em 384/383 a.C. em Estagira (hoje Stravó), na fronteira Macedônica, filho de um médico da corte do rei Amintas II. E, Talvez, tenha tido ele próprio alguma formação médica, o que pode explicar o seu interesse pela pesquisa empírica e por questões biológicas, sobre as quais escreveu vários tratados. Aristóteles que já alguns anos havia ficado órfão, e aos 18 anos viajou para Atenas a fim de estudar, tornou-se membro da Academia de Platão e seu discípulo mais brilhante. Foi precisamente na escola de Platão que Aristóteles amadureceu e consolidou sua própria vocação filosófica de modo definitivo, tanto que permaneceu na Academia por vinte anos.

Após a morte de Platão (c.348-7 a.C.), talvez em desacordo com os rumos que os ensinamentos da Academia tomaram sob a liderança de Espeusipo (que liderava as correntes mais distantes de convicções que Aristóteles havia amadurecido), o Estagirita foi embora de Atenas, viajando para a Ásia Menor.

Deste modo, abriu-se uma fase importante na vida de Aristóteles. Foi durante algum tempo (c.343-340 a.C.) preceptor de Alexandre, filho do rei Filipe da Macedônia e futuro conquistador de um grande império. De volta a Atenas em 335 a.C. fundou a sua escola, o Liceu. Aristóteles gostava de dar aulas e ministrar seus ensinamentos em caminhadas com seus discípulos, onde a origem do nome “escola peripatética” (de “peripatos”, passeio no pátio). Após a morte de Alexandre (323 a.C.), Aristóteles deixou Atenas devido ao sentimento antimacedônio então dominante, vindo a falecer em Cálcis, em 322 a.C.

O pensamento de Aristóteles desenvolveu-se, sobretudo, a partir de uma crítica tanto à filosofia dos pré-socráticos, quanto à filosofia platônica, como podemos ver na *Metafísica*, sua principal obra filosófica. Temos, assim, em Aristóteles, uma proposta de redefinição da filosofia, de seu sentido e de seu

projeto, e a construção de um grande saber muito influente no desenvolvimento da ciência antiga. (MARCONDES, 2010).

A Obra

A obra de Aristóteles foi vasta e diversificada. Há obras que foram perdidas na sua íntegra, porém, outras, nos chegaram apenas em partes ou muito incompletas, de outras restaram apenas fragmentos; outras, ainda, embora estruturalmente íntegras, apresentam lacunas facilmente perceptíveis ou mutilações. Os textos que chegaram até nós compreendem somente os escritos que Aristóteles compôs para as necessidades do seu ensino. Os textos dividiam-se geralmente em textos *esotéricos*, de caráter mais especializado e dirigido ao público interno da escola, e *exotérico*, de caráter mais abrangente e de interesse mais amplo e dirigido ao grande público, aos interessados em geral.

O primeiro grupo de escritos perdeu-se completamente, dele restando apenas alguns títulos e pequenos fragmentos. Escritos do Jovem Aristóteles, cuja obra temos hoje recuperado um certo número desses fragmentos são: *Acerca das Ideias*, *Acerca do Bem*, *Eudemos ou Sobre a Alma*. No entanto, a maior parte das obras esotéricas chegou-nos todas tratando da problemática filosófica e de alguns ramos das ciências naturais.

No seu ordenamento atual, o *Corpus Aristotelicum* abre-se com o Órganon, título do conjunto dos tratados de lógica, que são: *Categorias*; *Da Interpretação*; *Analíticos Anteriores*; *Analíticos Posteriores*; *Tópicos*; *Refutações Sofísticas*.

Seguem-se as obras de filosofias naturais, isto é, a *Física*, o *Céu*, *A geração e a Corrupção* e os *Meteorológicos*. Ligadas a elas, encontram-se as obras de psicologia, constituídas do tratado *Sobre a alma* e por um grupo de opúsculos reunidos sob o título de *Parva Naturalia*.

A obra mais famosa é constituída pelos catorze livros da *Metafísica*. Vêm depois os tratados de filosofia moral e política: a *Ética a Nicômaco*, a *Grande Ética*, a *Ética a Eudêmio* e a *Política*. Por fim, devem-se recordar a *Poética* e a *Retórica*. Entre as obras relativas às ciências naturais, podemos recordar a importante *História dos animais*, *As partes dos animais*, *O movimento dos animais* e *A geração dos animais*.

1.2. A OBRA 'A MEMÓRIA E A REMINISCENCIA' DE ARISTÓTELES.

Esta obra "A Memória e a reminiscência", faz parte do conjunto de pequenos tratados sobre a física e a antropologia filosófica, conhecidos pelo título latino *Parva Naturalia*.

No tratado *A memória e da reminiscência*, Aristóteles analisa a formação do pensamento no corpo e na alma, onde a percepção aparece como eixo de construção. Aristóteles examina o papel das imagens para a geração do pensamento. Para Aristóteles, a memória não é somente conhecimento do passado, a memória, entre outros aspectos, é um processo mental que envolve uma relativa autonomia, sendo ao mesmo tempo uma operação cognitiva e um estado orgânico, procurando destacar os aspectos relevantes sobre a construção da memória, tais como: as sensações, a imaginação, o afeto e o tempo.

Nesta obra, Aristóteles distingue a memória propriamente dita, a faculdade de conservar o passado; da reminiscência, capacidade voluntária ou involuntária de invocar o passado. Sua teoria do conhecimento traz novas contribuições ao estudo da memória. Assim, Aristóteles reflete sobre a memória, estando para ele, estas duas formas estreitamente ligadas à imaginação, que é um dos sentidos ditos internos⁵.

A primeira seria um processo do tipo cumulativo, ainda que seletivo; a segunda, uma espécie de atualização ou retificação do vivido. Aristóteles examina o papel das imagens no exercício do pensamento, quando descreve o importante auxílio das imagens sensíveis e mostra a relação da memória com o conhecimento, e de que maneira a potência sensitiva memorativa é relativa à potência intelectual. Também propõe claramente o problema decorrente da conservação como marca (impressão) de um conhecimento passado.

Nesse tratado, demonstra de maneira particular e original, a conservação das sensações passadas e da atualização da lembrança, onde traz a solução das dúvidas de como se tem memória de algo ausente. Assim, elabora a primeira análise explicativa e sistemática da memória, examinando igualmente o papel das imagens no exercício do pensamento. Ele trata de uma maneira particular, segura e rigorosa, a conservação das sensações passadas e da atualização da lembrança, elaborando a primeira análise sistemática da memória.

⁵ Aristóteles distingue os sentidos externos: visão, audição, olfato, gustação e tato, dos sentidos internos: imaginação, memória, senso comum e cogitativa.

Assim, a partir da sensação, surge recordação – como dizemos – e, a partir da recordação que ocorre frequentemente a respeito do mesmo fato, surge experiência; pois recordações numericamente múltiplas é uma única experiência. E a partir da experiência, ou a partir de todo universal que repousa na alma – um único concernente a muitos que seja um só e o mesmo em todos eles - surge princípio de técnica ou de ciência de técnica se for concernente ao vir a ser, mas, de ciência se for concernente ao que é. (ARISTÓTELES, 2002, p. 83).

Aristóteles assinala, explicitamente, tanto a propósito da memória em sentido estrito, ou da lembrança, quanto a propósito da reminiscência. Assim, apresenta a memória como sendo indispensável para o conhecimento intelectual, implicando uma reciprocidade entre as respectivas operações dos *sentidos*, deste modo, evocando as apropriações das imagens no pensamento.

Para Aristóteles, a memória das coisas não pode existir sem imagens, tendo, portanto, uma relação direta com os elementos registrados pelos sentidos, pois não podemos pensar sem as imagens sensíveis, sendo, portanto, necessário uma frequência no ato de memorizar para que se desenvolva o hábito os objetos na memória, explicando em que sentido o homem pode ser a gente de suas próprias representações e o princípio de suas associações na relação com o tempo.

Há, portanto e, de imediato, dois aspectos que se apresentam de fácil entendimento, que seria o caráter individual da memória e sua capacidade de nos transportar no tempo e no espaço. Aristóteles diz que a memória pertence apenas essencialmente à apresentação da imagem e acidentalmente ao juízo do intelecto. Aristóteles mostra as similaridades e diferenças entre reminiscência e memória. Ele descreve o processo de reminiscência ou rememoração e as suas representações mentais, e trata assim da organização dos processos voluntário e involuntário das representações mentais.

Tal como Aristóteles expõe, é através da memória que se estabelece as associações, ou seja, as relações entre os movimentos deixados por sensações que tendem a suceder-se em certa ordem. Assim sendo, a memória seria um armazenamento na mente de um determinado conteúdo, condicionado pela existência de um lapso de tempo. E a reminiscência, seria o modo como se acede essa informação para uso próprio, recuperando episódios gerais e específicos.

Então, diz Aristóteles ser a reminiscência não um lembrar qualquer, não só um simples ato da memória, mas sim, um esforço de nosso intelecto para

reunir os fragmentos de lembranças já possuídos na memória, definindo assim, a reminiscência como sendo a recuperação intencional de um conhecimento ou de uma sensação.

Conclui o que é próprio da reminiscência e o modo como ocorre à reminiscência. Apresenta as considerações sobre as diferenças entre a memória e a reminiscência ao propor a causa da reminiscência e o modo pelo qual ocorre a reminiscência, explicando o porquê memorizamos mais as coisas próximas do que as mais longes, correlativamente, ele explica em que sentido o homem pode ser agente de suas próprias representações e o princípio de suas associações, sua relação com o *tempo*, e as *paixões* corpóreas. Faz uma distinção entre recordar e aprender de novo e faz referência de como ocorre à descoberta do novo, e por qual princípio parte.

1.3. O conceito de memória em Aristóteles

Para Aristóteles, a memória é relativa ao passado.

A memória é, pois, relativa ao passado. Ora, o presente, quando é presente, como este objeto branco, quando alguém o vê, ninguém certamente dirá que o memoriza; nem que é contemplado, quando o esteja considerado pela inteligência, mas diz, pois, comumente, sentir isso que vê, porém que o contempla só ao conhecer. (ARISTÓTELES, 2016, p. 31).

A memória não é sensação nem opinião, mais algum destes, hábito ou paixão, quando o tempo ocorrido passou. Para ele, a memória não se restringe à conservação dos traços do passado. Quando Aristóteles analisa o caráter da memória, diz não ser a memória nem opinião nem sensação, mais sim, um estado de interseção onde ocorre essa relação de tempo decorrido:

A memória, então, não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afecção, afeto) de um deles, quando tempo já passou. ... Toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo. (ARISTÓTELES, 1986, p. 291).

A memória é, portanto, formada pela conservação da imagem do passado e por um conjunto de impressões formadas ao longo de um tempo, isto é, registros de sensações passadas e organizadas por um mecanismo de associações. É um processo mental particular, dotado de uma relativa autonomia de funcionamento em relação às outras operações cognitivas, mesmo se a lembrança nasce do traço deixado por uma sensação. Aristóteles toma a memória e o lembrar como atividade da alma, ou ainda, um estado ou afecção. Sendo ao mesmo tempo, uma operação cognitiva e um estado orgânico.

Aristóteles nos diz não ser possível memória sobre aquilo que se vê por primeira vez, pois, aquilo que é conhecido por primeira vez se distingue do lembrado pelo fato de ser presente e a memória ser sobre o passado. Não há memória de agora no próprio agora, como foi dito. Há sensação do presente, expectativa do futuro, mais a memória é do passado. Por isso, toda memória implica um lapso de tempo. Assim, os animais que percebem o tempo são os únicos capazes de memorizar, por meio disso que percebem o tempo. Portanto, a memória não se aplica ao presente, pois o presente é objeto da sensação.

Para Aristóteles, haveria dois tipos de memória: a) a memória propriamente dita (mnémé), a faculdade de conservar o passado; b) a reminiscência (mamnese), faculdade de evocar o passado voluntariamente. Sendo assim, é através da memória que se estabelece as associações, ou seja, a relação entre os movimentos deixados por sensações e que tendem a suceder-se em certa ordem. Então, a memória seria um armazenamento na mente de um determinado conteúdo, condicionado pela existência de um lapso de tempo.

Há, portanto e de imediato, dois aspectos que se apresentam de fácil entendimento: o caráter individual da memória e sua capacidade de nos transportar no tempo e no espaço. Para Aristóteles, a memória das coisas não pode existir sem as imagens, e sua relação direta com os elementos registrados pelo sensível.

Sendo, portanto, resultado de um processo prolongado de sensações que associam a outras sensações semelhantes que ficam disponíveis na memória. Seria, então, através dos sentidos que a memória produziria imagens. Aristóteles, assim reflete sobre a memória, que para ele está ligada de forma estreita à imaginação:

A que parte da alma pertence a memória? É evidente que a esta parte da qual brota também a imaginação, e as coisas que, em si próprias, são objeto da memória, são todas aquelas que dependem da imaginação. (ARISTOTELES, 1986, p. 291).

Aristóteles chama toda a atenção para o aspecto imagético, pois, o estímulo perceptivo não pode ser impresso em uma alma que não apresente condições ideais, como no caso da fluidez dos muitos jovens, ou da rigidez dos mais velhos. Explicando com isso a necessidade de equilíbrio humoral no estado perceptivo e a imagem dela decorrente.

Falta ainda falar da recordação... Ela não é nem a recuperação nem a aquisição da memória; porque quando se aprende ou recebe uma impressão sensória, não se recupera qualquer memória (porque nenhuma aconteceu antes), nem se adquire pela primeira vez; é somente quando o estado ou afeto foi induzido que existe memória. (ARISTÓTELES, 1986, p. 293).

Aristóteles define a diferença de recordação e memória, ao afirmar que a primeira não é nem uma aquisição da memória, pois o aprendizado não supõe a retomada de nenhuma memória, pois, o lembrar só ocorre quando estamos cientes de haver transcorrido um tempo entre a imagem atual presente na alma e a percepção prévia que a produziu. É também crucial compreender o que distingue a reminiscência da memória. Para Aristóteles, experimentar a reminiscência não é encontrar os conhecimentos das formas inteligíveis, além do sensível, mas “apreender novamente” um conhecimento científico ou uma sensação, ou uma lembrança⁶.

O caráter dedutivo desse processo para Aristóteles se justifica pela sua visão da relação do mundo com o pensamento. Portanto, a reminiscência deve ser estimulada, pois, é a parte racional da memória, pois é esta que nós permitimos recordar experiência do passado, sugerir atitudes prudentes a cerca do presente e uma visão prudente para o futuro.

⁶ARISTÓTELES, *A memória e a reminiscência*, c. 2, 451 b 2-5.

CAPÍTULO 2

A Memória em Tomás de Aquino

2.1. Vida e obra de Tomás de Aquino⁷

Tomás revela-nos um *perfil* intelectual inigualável. Podemos dizer que Tomás viveu o que pensou e pensou o que viveu. Entrelaçam-se nele a santidade e a sabedoria, de tal maneira que removêssemos uma prejudicar-se-ia a outra. Não há dúvida que Tomás desenvolveu uma legítima teologia. Entretanto, alguns duvidam de haver produzido uma *autêntica* filosofia. Mas podemos afirmar que a sua doutrina racional que busca e professa a verdade é uma autêntica filosofia. Sua originalidade foi conciliar a verdade da razão com a da fé, que ampliou os horizontes da sua investigação. O Aquinate buscou na Patrística os elementos para a sua tentativa de harmonia, sem deixar de se valer da contribuição dialética aristotélica ou da doutrina da participação e da iluminação platônica.

Em filosofia, Tomás de Aquino ficou conhecido especialmente como *Comentador de Aristóteles*, filósofo grego de Estagira [384-322 a.C]. Com uma metodologia original, ordenada, comparativa, analítica, crítica e elucidativa, coerentemente conectada ao sentido, significado e referencia dos termos do texto, os seus comentários puderam ganhar *status* para além da Escolástica, perdurando do Renascimento aos nossos dias.

VIDA

Tomás nasceu em 1225, no Castelo de Roccasecca, Condado de Aquino, no Reino da Sicília, filho de Landolfo e Teodora, de família nobre da Lombardia. Em 1230, com cinco anos de idade, os pais enviaram-no ao ilustre Mosteiro beneditino de Montecassino, onde recebeu as primeiras instruções para ler, escrever e ser iniciado na vida monástica. Repentina conturbação política e religiosa no referido mosteiro fez com que o Abade recomendasse ao seu pai que o enviasse, aos 14 anos de idade, na primavera de 1239, para

⁷ Sobre a vida e a obra de Tomás consultei a seguinte referência: FAITANIN, Paulo. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011, p. 11-15.

estudar artes e filosofia no *Studium Generale* de Nápoles. Provavelmente viveu no Mosteiro de São Demétrio. Foi em Nápoles que conheceu a Ordem dos Pregadores, fundada por São Domingos de Gusmão. Este contato foi aos poucos amadurecendo sua vocação e aproximando-o da vida dominicana. Tanto foi que em abril de 1244, recebeu o hábito dominicano. Conscientes de que os pais de Tomás não o aceitariam dominicano, porque desejavam que ele algum dia fosse Abade de Montecassino, os frades levaram-no de Nápoles a Roma e de Roma a Bolonha. Teodora, sua mãe, quando soube do fato, empreendeu com seus outros filhos a captura do jovem frei Tomás, o que ocorreu na primeira quinzena de maio de 1244.

De nada adiantou a queixa dos dominicanos ante as autoridades religiosas e civis. Então, o jovem dominicano, foi levado por seus irmãos e detido na Torre do Castelo de Rocassecca. Lá ficou de maio ou junho de 1244 até julho de 1245. Tomás tinha 19 anos de idade e, enquanto esteve detido, dedicou todo o seu tempo¹ a orar, ler a Bíblia, estudar o Livro das Sentenças e, muito provavelmente, o que se conhecia da lógica de Aristóteles⁸. Sem dúvida, deve-se a este período o estabelecimento do seu plano de vida espiritual e de estudos, que lhe valeu por toda a sua vida. Com a oração fortaleceu a fé, semeando uma profunda vida interior de afinidade com a graça. Com o estudo fortaleceu a razão, cultivando uma ordenada e natural via de investigação da verdade. A oração culminava no estudo e o estudo na oração. A investigação racional não o dispersava da afinidade conseguida na oração que, de certo modo, era continuada na leitura da Sagrada Escritura e no aprendizado da filosofia.

Sua família, diante da convicção de Tomás, não sem antes o ter posto à prova, permitiu que os frades dominicanos o reconduzissem a Nápoles, provavelmente, na segunda quinzena de julho de 1245. De Nápoles, Tomás foi enviado para Roma, pois os frades temiam que novamente fosse capturado e detido. Em Roma, o Mestre da Ordem, João, o Teutônico, naquele mesmo ano o enviou à Paris para completar a formação filosófica e iniciar a teológica. Permaneceu em Paris do outono de 1245 até a primavera de 1248, completando os seus estudos filosóficos na Faculdade de Artes de Paris e iniciando os seus estudos teológicos no convento de Saint-Jacques, sob a tutoria de Alberto Magno. Em 29 de junho de 1248, em razão da criação do *Studium Generale* em Colônia, Alberto Magno partiu para lá e levou consigo o seu discípulo Tomás, que por lá permaneceu até 1252. Foi deste período o apelido 'boi mudo da Sicília', não só em razão do seu caráter taciturno, mas também por causa da sua corpulência. Foi ordenado sacerdote neste período em que esteve em Colônia.

⁸ TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, pp. 12-13.

A Obra

João, o Teutônico, no início de 1252, pediu a Alberto para indicar-lhe um teólogo que pudesse ser nomeado bacharel para ensinar em Paris. Alberto indicou Tomás que, com apenas 27 anos, não poderia exercer este cargo, pois a idade canônica para assumir este ofício era de 29 anos. Concedida esta permissão, Tomás começou a ensinar como bacharel, as *Sentenças* de Pedro Lombardo em setembro de 1252. De 1252 a 1256, Tomás não só lecionou, mas também se preparou para se tornar Mestre em Sagrada Escritura, comentando os referidos livros das *Sentenças*. São também deste período os dois opúsculos: *De ente et essentia* e *De principiis naturae*.

Em 3 de março de 1256 o Papa Alexandre IV louva Aimerico, chanceler da Universidade de Paris, por conceder a Tomás a licença para ensinar como mestre. Em abril ou maio de 1256, ele obteve o grau de 'Mestre em Teologia'. Este título culminava com a apresentação de uma aula inaugural que ocorreu entre 3 de março e 17 de junho de 1256. Durante os três anos seguintes ele compôs as suas *Quaestiones disputatae de veritate* e comentou o *De Trinitate de Boécio*. Durante este período teria produzido muitos outros opúsculos. Contudo, a tensão causada nesta época por uma polêmica relacionada à sua ordem antecipou, talvez, seu retorno para a Itália, no final de 1259, indo para Nápoles e lá permanecendo até setembro de 1261.

Neste período defendeu a vida religiosa e escreveu o opúsculo *Contra impugnantes Dei* e a importante obra *Summa Contra Gentiles*. Em 1260, Tomás foi nomeado Pregador Geral da Província romana de sua ordem. Em 1261, Urbano IV, foi eleito Papa e reuniu no seu pontificado, em Orvieto, um seleto grupo de homens da ciência. Como Tomás encontrava-se em Orvieto, a partir de 1261, provavelmente permaneceu ali, por esta razão, até 1265.

Dentre as diversas contribuições desta época, Tomás colaborou para assentar as bases intelectuais de uma reintegração das comunidades cismáticas orientais à Igreja de Roma, conseguida parcialmente alguns anos mais tarde. Sua *Catena aurea* foi composta por expresso desejo do Papa em Orvieto e estabeleceu um marco na progressiva assimilação da Patrística grega pela teologia latina. Também, por encargo de Urbano IV, que instituiu a solenidade do *Corpus Christi*, o Aquinate redigiu o seu ofício litúrgico.

Sua notória fama de sábio fez com que começasse a receber inúmeras consultas de toda Europa sobre diversos assuntos. Depois da morte de Urbano IV, no final de 1264, Tomás foi encarregado de, no ano seguinte, fundar um *studium* dominicano em Roma. É deste período o testemunho que diz que Tomás era assíduo no estudo, na oração, celebrava e assistia diariamente

duas missas e, não raro, encontravam-no em lágrimas, após intenso ato de contemplação⁹. Crescia igualmente a sua fama de santidade.

⁹ TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. Trad. L.P. Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999, pp. 60 e 331.

2.2. O Comentário à obra ‘A Memória e a reminiscência’ de Aristóteles

O método tomasiano de comentar é inovador. Não adota a paráfrase, modelo comum de exposição difundida na Escolástica do século XIII. Seu comentário pressupõe uma prévia leitura e compreensão das partes do texto, bem como dos seus respectivos temas. Por isso, o comentário de Tomás é uma exposição de sentenças silogísticas produzidas ao modo de lições, que resulta do *ler, analisar e sintetizar*¹⁰.

O método que Tomás utiliza em seus comentários, está na análise de cada sentença, seguindo a ordem apresentada por Aristóteles. No decorrer de sua análise, Tomás busca fazer um levantamento de cada opinião e comentários sobre o tema, com isso, procura expor, as refutações das ideias contrárias, as afirmações das ideias verdadeiras, contemplando cada sentença, quando necessário, com outras doutrinas, além do cortejo com a própria doutrina de Aristóteles com as interpretações dos comentários com outros comentadores.

No comentário de Tomás a obra *A Memória e a reminiscência* de Aristóteles, o Aquinate investiga de maneira mais aprofundada a natureza da memória, qual o seu objetivo, e expõe a reminiscência, que é própria dos seres humanos. É estabelecida por Tomás uma divisão segundo o desenvolvimento argumentativo do próprio Aristóteles em cada livro, como unidade separada, mas complementar como um todo:

As lições são literalmente “leituras”, mais uma leitura *atenta*, que procura *entender, dividir* as argumentações, *analisar* os argumentos, compará-los com outros do mesmo autor em outras obras; ao mesmo tempo em que busca fundamentá-los com outros argumentos próprios, para, assim, explicar o sentido dado pelo autor, com o intuito de sintetizar a ideia contida no argumento e de propor uma conclusão que seja a mais clara possível e, de modo coerente, correspondente com a ideia original do autor. Tomás comenta analisando cada sentença, segunda a ordem que originalmente apresenta o próprio texto¹¹.

Ao analisar a obra de *A Memória e a reminiscência*, Tomás começa por dividir o livro em duas partes, cada uma das partes contendo quatro lições. Assim, a primeira parte do livro, propõe tratar de três questões, a saber, o que

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Comentário à Metafísica de Aristóteles*. I-IV. Volume 1. Edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas SP: Edipro, 2016 p. 14.

¹¹ FAITANIN, P.; VEIGA, B. “Introdução”, in: Tomás de Aquino, *Comentários sobre “A memória e a reminiscência” de Aristóteles*. 1a Edição. São Paulo: Edipro, 2016, p. 14.

são a memória e o memorizar, qual é a sua causa e a qual parte da alma pertence à paixão da memória¹². Na segunda parte do livro, ele propõe o que deve ser dito sobre a reminiscência, não parecendo ser a mesma coisa a memória e a reminiscência, acrescenta a diferença entre a memória e a reminiscência, e o modo pelo qual ocorre a reminiscência. Ao trabalhar em cada lição, Tomás esmiúça cada afirmação de Aristóteles, analisa e desenvolve de maneira sistemática a natureza do pensamento do Aristóteles. Desta forma, apresento cada lição, expondo de modo resumido, a análise aplicada às lições.

Por fim, apresento abaixo as oito lições comentadas por Tomás, de forma resumida, para que se possa ter uma noção dos temas de cada parte do livro investigado.

Na primeira lição, Tomás, introduz a definição de memória, a partir de algumas coisas acerca das quais se diz haver memória. Começa explicando sobre a natureza da memória ao dizer ser ela relativa às coisas do passado, e a uma percepção de algo ocorrido¹³.

Na segunda lição, demonstra de que modo a memória pertence à parte intelectiva e sensitiva, procurando esclarecer o que irá tratar de início, mostrando o porquê o intelecto precisa das imagens para conhecer as coisas. Em seguida, explica em que parte da alma pertence à memória, quando diz, que a memória pertence a uma parte sensitiva e também a uma parte inteligível, de modo que essas se dão através das imagens, demonstrando a importância das imagens para o conhecimento das coisas.

Na terceira lição, deduz-se a solução das dúvidas de como se tem memória de algo ausente, e quais aspectos a memória se relaciona com a paixão e o hábito, e quais os modos essas relações se apresentam. Afirmando também, a necessária presença do ato de memorizar para desenvolver o hábito de guardar os objetos na memória.

Na quarta lição, começa a considerar acerca da reminiscência, quando diz, que a reminiscência não é, nem meramente memorizar, nem aprender de novo. Depois, quando diz que a memória se utiliza da reminiscência, como caminho para recordar algo já produzido na memória como um conhecimento adquirido. Afirma também que é necessário um frequente ato de memorizar para desenvolver o hábito de guardar os objetos na memória, como ocorre com os outros hábitos¹⁴.

¹² Ibid., lição. 1, c. 1. Comentário 4, p. 35.

¹³ Ibid., p. 22.

¹⁴ Ibid., p.23.

Na quinta lição, propõe-se a causa da reminiscência, o modo pelo qual ocorre a reminiscência; expondo o porquê se memoriza mais as coisas próximas do que as mais longes. Ora, diz que a reminiscência é a procura de algo esquecido na memória, que parte de algo que está na memória e procede até descobrir o que parece que já não está mais nela¹⁵. E depois explica de que modo ocorrem as associações de ideias que permite o processo de recordar tanto por semelhança, quanto por contrariedade ou proximidade¹⁶.

Na sexta lição, demonstra como difere a reminiscência, e o aprender novamente, afirmando que ambos são modos de recuperar conhecimento esquecido. Tomás demonstra como se dá uma nova aquisição de um conhecimento novo, sem recorrer à memória, dando exemplos de associações produzidas pela reminiscência. Conclui a lição ao dizer, se as coisas, que são mais frequentemente consideradas, são de mais fácil recordação, pois o costume é como uma natureza¹⁷.

Na sétima lição, faz as considerações, do modo como a memória e a reminiscência consideram o tempo. Nessa lição, considerada a memória e a reminiscência em relação ao tempo. Diz que assim como existe uma distância do ponto de vista da extensão, existe também uma distância em relação ao tempo¹⁸. Afirma que a alma pode inteligir por figura semelhante e de modo proporcional, e mostra alguns exemplos do ponto de vista de proporção geométrica¹⁹. Nas considerações finais, trata a relação do tempo com as intensidades das imagens impressas na alma, de modo a facilitar ou dificultar seu movimento na memória.

Na oitava lição, apresenta três diferenças entre a memória e a reminiscência²⁰, em parte já dito em outras lições. A primeira compara ambas, a memória e a reminiscência, nos homens que são bons de memória e recordação. A segunda, pois, é a diferença por parte do tempo, pela reminiscência ser um caminho da memória (como já fora dito antes). E a terceira, é a parte do objeto em que ambas podem ser encontradas. Em seguida, evidencia e relaciona a reminiscência com a paixão corporal, pelo fato do homem possuir a parte intelectual capaz de unir-se a parte intelectual. Expõe as disposições que impedem a reminiscência contraria ao ato. Em

¹⁵ Ibid., p.23.

¹⁶ Ibid., p.23.

¹⁷ Ibid., p.24.

¹⁸ Ibid., p.24.

¹⁹ Ibid., p.24.

²⁰ Ibid., p.24.

seguida, relaciona a reminiscência a uma paixão, onde, conclui, dizendo que a reminiscência é relativa à parte sensitiva, não intelectual, que no homem se dá de modo mais nobre do que nos outros animais, por causa do seu intelecto²¹.

²¹ Ibid., p.123-124.

2.3. O conceito de memória em Tomás de Aquino

Tomás inicia a exposição do conceito de memória em seu comentário considerando o objeto da memória que é o passado:

Diz, pois, que não é possível ter memória das coisas futuras, mas é possível ter opinião delas por parte da potência cognoscitiva, ou seja, quando alguém opina algo futuro e espera por parte da potência apetitiva, ou seja, quando a esperança tende a algo futuro. (TOMÁS DE AQUINO, Comentário sobre “A memória... 2016, p. 37).

Tomás considera a memória como uma potência sensitiva interna e uma potência intelectiva. Potência sensitiva interna, enquanto se refere ao sentido interno da memória, que conserva a imagem sensível; potência intelectiva enquanto se refere à memória inteligível, na medida em que conserva a imagem inteligível. A memória como um sentido interno é a memória sensível capaz de reter e conservar as imagens sensíveis apreendidas pelos sentidos externos:

Ora, a memória não é apenas dos sensíveis, como quando alguém memoriza o que sentiu, mas também dos inteligíveis, como quando alguém memoriza o que inteligiu. Isto não é, porém, sem uma imagem. (TOMÁS DE AQUINO, Comentário sobre “A memória.. 2016, p. 50).

Tomás distingue três tipos de vidas: vegetativa, sensitiva e intelectiva. A cada classe de vida, correspondem tipos de almas, com funções ou potências diferentes, de forma que a planta tem alma vegetativa; o animal, sensitiva, que inclui em si as funções vegetativas e, o homem, acrescenta a estas a intelectiva. Não que o homem tenha três almas, mas uma com três funções: vegetativa, sensitiva e intelectiva, que se relacionam entre si na produção, conservação e rememoração do conhecimento.

Quanto à natureza da memória, Tomás diz que ela é da natureza da alma e que se enquadra na ordem dos sentidos internos²². Para Tomás, a memória deve ser vista em seu sentido duplo, sendo a potência sensitiva enquanto sentido interno, e potência intelectual, enquanto parte intelectual da alma²³. Os vegetais não possuem memória, mas os animais que a possuem, a possuem num grau inferior à memória intelectual. Enfim, a memória pertence essencialmente à parte sensitiva da alma:

E diz que é evidente que a memória pertence essencialmente a parte sensitiva, porque mesmo agora quando supomos que só o homem, entre os mortais, tem intelecto, a memória não existe em todos os animais, mas eles só têm aquela memória, pela qual percebem o tempo. (TOMÁS DE AQUINO, Comentário sobre “A memória... 2016, p. 52).

Nos animais irracionais há apenas a memória enquanto capacidade de conservar os efeitos produzidos nos órgãos dos sentidos, segundo a disposição instintiva de cada espécie e nunca para além da presença do objeto, pois se fosse assim isso seria reminiscência. Neles isso é a memória instintiva ou de conservação, também denominada memória sensível ou simplesmente memória e, no contexto tomista, de estimativa²⁴.

Quanto ao animal racional, Tomás define ser a memória aquela que ordena e retém as formas sensíveis, como ao recordar os fatos passados, aí ser ela uma potência ou capacidade própria da natureza intelectual humana. Esta potência da natureza da memória, só identificada no homem, é chamada de cognitiva. Essas não só tem a capacidade de julgar as informações advindas pelos sentidos e armazenadas na memória, mas, além disso, comparando e criando novas situações e representações imagéticas individuais.

Por isso, Tomás afirma sua natureza imaterial, espiritual ou intelectual. Portanto, nos ensina o Aquinate, ser a memória uma potência ou capacidade própria da natureza intelectual humana, pela qual o intelecto aprende, conserva e recorda algum conhecimento passado²⁵. No homem a memória é

²² FAITANIN, P. “O papel dos sentidos internos na teoria do conhecimento de Tomás de Aquino”, *Aquinate*, n. 6 (2008), p. 241.

²³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 6, c.

²⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 6, c.

²⁵ FAITANIN, P.; VEIGA, B., “Introdução”, in: Tomás de Aquino, *Comentário sobre “A memória e a reminiscência” de Aristóteles*. 1 ed. SP: Edipro, 2016, p. 20.

basicamente, retenção e recordação de informações. Mas Tomás distingue a capacidade de retenção da de recordação:

Sugere, no entanto, três diferenças. Primeira, é a partir da aptidão para ambas, pois, foi dito anteriormente, que não são o mesmos homens que são bons de memória e de recordação. Segunda, é a diferença por parte do tempo, porque a reminiscência, por ser via para a memória do caminho, precede-a no tempo, como é evidente pelo antes dito. Terceira, é a parte do objeto em que ambas podem ser encontradas, pois disso que é a memória muitos outros animais participam, além do homem... Mas nenhum animal que conhecemos tem a reminiscência, exceto o homem. (TOMÁS DE AQUINO, Comentário sobre “ A memória... 2016, p. 119).

Mas tanto a retenção quanto a recordação requer condição própria, ou seja: (a) a sensação, pois não há retenção do real, senão mediante a produção de imagem ou representação sensível; (b) a percepção, que é a captar o real presente, e isso é condição para a formação da memória, já que não há memória do presente, sendo só percepção de suas sensações presentes; (c) o conhecimento, pois não há retenção do que não se conhece, do que não foi adquirido e nem lembrado do que não está na memória; (d) a conservação, pois não há recordação do que não foi conservado²⁶.

Sendo assim, as condições necessárias para que ocorra a recordação se dá mediante: (a) a consciência, pois não há recordação sem este estado de relação do sujeito consigo mesmo e com a evocação de uma percepção adquirida, passada; (b) a atenção, pois não há recordação consciente sem que se verta toda a atenção para a evocação de dada percepção; (c) o interesse, pois não há recordação se não houver interesse de verter a atenção para um estado de consciência de uma dada percepção. Somente assim se dá a recordação como possibilidade de evocação, quando necessário, de algum conhecimento passado, com a possibilidade de torná-lo presente. Fica assim, estabelecido previamente de como a sensação, a percepção, o conhecimento e

²⁶ FAITANIN, P. “A memória segundo Tomás de Aquino”, *Aquinate*, 3 (2006), p.125. Acessado em 13 de junho de 2017: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/estudo-faitanin-memoria.pdf>

a conservação formam parte da memória retentiva e como a consciência, a atenção, o interesse da memória recordativa²⁷.

É bom frisar que com a memória não se dá o conhecimento, mas a recordação do que já se conheceu. Assim, sem a presença atual, sensível e concreta de um objeto, podemos recordá-lo e mesmo reproduzi-lo por meio de qualquer potência humana, como por meio da arte, como na pintura, na música, ou como por meio do conhecimento, na ciência de um modo geral e na história de um modo particular, já que esta última é por excelência ciência recordativa. Fica claro que a memória não é possível sem a produção de uma imagem, por isso só são reminiscências aquelas coisas que são próprias da imaginação e que não se dão sem a imaginação. Enfim, a característica fundamental da memória como reminiscência ou recordação, própria só dos homens, é o caráter ativo de deliberação ou escolha: a liberdade de escolher lembrar ou esquecer²⁸.

O aspecto fundamental da memória está na sua relação com o tempo, visto que, a percepção do tempo exige um estado mental, sendo possível falar analogamente de certa duração da memória, se a analisarmos correlata ao tempo psicológico. De fato, a recordação exige que o tempo passe. Diferente da percepção, que não é memória do agora e do presente, senão percepção do agora. Em todo caso, o instante será a mais perfeita expressão da duração indivisível da memória, pois é no instante recente em que se dá a reminiscência.

O intelecto além de adquirir por percepção, apreensão e aprendizado de algo, pode conservar o que apreendeu e aprender algo, inclusive, recordar prescindindo totalmente da presença do objeto. Assim, mostra a reminiscência que o intelecto, potência espiritual cognitiva, possui como parte integrante a memória²⁹. Neste sentido, é próprio só do intelecto humano a memória e a reminiscência, ou seja, o ato de recordar, uma espécie de raciocínio, pois quem pratica a reminiscência raciocina acerca do que antes viu, ouviu ou experimentou:

De fato, certos animais nada percebem, exceto se na presença das coisas sensíveis, como certos animais imóveis, que por isso tem uma imaginação indeterminada, como se diz no Livro III do *Sobre a alma*. Razão pela qual não podem conhecer o antes e o depois do tempo e, por conseguinte, não possuem memória.

²⁷ Ibid., p.125.

²⁸ IZQUIERDO, I. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

²⁹ FAITANIN, P.; VEIGA, B., "Introdução", in: Tomás de Aquino, *Comentário sobre "A memória e a reminiscência" de Aristóteles*. 1 ed. SP: Edipro, 2016, p. 20-21.

Sempre, pois, que a alma age pela memória, como antes foi dito, simultaneamente sente isso que antes viu, ou ouviu, ou aprendeu; mas o antes e o depois pertencem ao tempo. (TOMÁS DE AQUINO, Comentário sobre “A memória... 2016, p. 52).

O produto do raciocínio é o pensamento. Deste modo, Tomás mostra a reminiscência como um potencial no ato do memorizar, capaz de por associação, buscar o que está oculto na memória. Contudo, se por um lado, é a imaginação o critério para a memória, por outro lado, o pensamento é a forma de expressão do que foi conservado na memória.

Assim, pois, é a memória uma potência distinta da inteligência, caso concebamos a memória em seu sentido próprio, ou seja, enquanto tem por objeto o particular, porém a mente ou o intelecto pode conhecer o passado. Isso, no entanto, não altera o fato de que, para o inteligível, a diferença do presente e do passado é meramente accidental. Portanto, a memória existente na mente, é o próprio intelecto, próprias das espécies inteligíveis.

Do ponto de vista da teoria conhecimento, o Aquinate, diz que o mesmo tem início no nível sensitivo, que é a base ou condição de todo conhecimento, passando, em seguida, ao intelectivo. Tomás defende uma harmonia entre essas duas potências, de maneira que elas sejam complementares, entendida como, princípio intelectivo unido ao corpo como forma. Por isso, ele diz que a memória pertence apenas essencialmente à apresentação da imagem, e acidentalmente ao juízo do intelecto. Pois, naturalmente voltada para as imagens, mas acidentalmente essas imagens podem auxiliar a aquisição do conhecimento.

Tomás defende uma harmonia de alma e corpo, como os dois lados de uma mesma moeda, razão pela qual a memória não apenas pertence às imagens sensíveis ou ao juízo do intelecto, ainda que só acidentalmente possa auxiliar a aquisição inteligível do conhecimento, pois o inteligível depende do sensível, uma vez que nada existe no intelecto sem que antes passe pelos sentidos, o que fica claro nas palavras de Nunes Costa, em relação à produção do conhecimento:

Portanto, é no nível do intelecto possível que se fecha o processo do conhecimento humano, no qual se concretiza o universal, lugar da ciência ou do conhecimento propriamente dito. De qualquer forma, vale salientar: esse não anula os momentos anteriores, antes, pelo contrário, pressupõem-nos, principalmente o primeiro e mais distante: a sensação - próprio

dos sentidos externos, condição sem a qual não haveria último, mantendo a máxima aristotélico-tomista de que “nada existe no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos”, que vai ser à base da “teoria do conhecimento”, no empirismo moderno. (MARCOS ROBERTO NUNES COSTA, 2011, p. 223).

Conclusão

Aristóteles é conhecido como filósofo do realismo, justo por analisar a realidade do mundo material. Com isso, Aristóteles vai desenvolver um pensamento oposto à teoria das ideias de Platão, onde, para se conhecer, ou se ter o pleno conhecimento, é através das ideias. Aristóteles vai dizer que para se atingir o conhecimento, tem-se que desenvolver primeiramente os sentidos (todos que temos, como: visão, audição, tato, etc). Para Aristóteles, é através dos sentidos que obtemos conhecimento e não através das ideias. Segundo, ele, os sentidos são importantes para construir o conhecimento inicialmente, porque, a partir das sensações, se cria automaticamente um registro na memória. Daí se começa a raciocinar, se ganha experiência, o que nos leva a fazer ciência sobre o mundo que conhecemos.

Para Aristóteles a memória está dentre os processos do nosso intelecto, estando nele envolvido toda a capacidade do conhecimento humano, e como tal, indispensável ao intelecto, com suas respectivas operações do pensamento, e ao mesmo tempo, as devidas operações cognitivo/orgânica. No tratado *A memória e a reminiscência*, Aristóteles examina o papel que as imagens exercem na operação do pensamento e seus aspectos psicológicos, como, na preservação e retificação do passado, nas modificações e novas aquisições, na percepção do tempo e do espaço, e na organização da vida mental humana.

Ao revelar em que parte da alma há bases para o conhecimento, revelando por sua vez, o que acontece quando dizemos que lembramos, em que ambiente mental isso ocorre, mostrando, portanto, ser a reminiscência um ato desenvolvido em uma construção, baseado em uma organização coerente e detalhada. Sendo assim, essa atitude literalmente é uma capacidade orgânica e ligada diretamente a uma função da consciência.

A descoberta da ação da consciência sobre o caráter da reminiscência tornou possível o desenvolvimento de várias teorias no processo psicológico do ser humano. Talvez a obra de Aristóteles pelo seu caráter mais didático e sistemático, tenha permitido uma melhor análise de todo um conjunto de funções a cerca da natureza da memória e das propriedades que faz parte dos principais atributos da mente humana.

Tomás, assumindo um importante papel nas universidades, principalmente em Paris, teve uma grande influencia nas questões da filosofia e teologia de sua época. Tomás tomou-se de grande admiração por Aristóteles, a quem chama na *Suma Teológica* de “o Filósofo”. (MARCONDES, 2010, p.129) A *Suma Teológica*, talvez a obra mais famosa de Tomás de Aquino, apresenta três grandes tratados sobre a existência de Deus, e onde encontramos as

célebres cinco vias da demonstração da existência de Deus. A primeira via baseia-se no *argumento do movimento* (inspirado em Aristóteles, Física, VIII), a segunda via (também aristotélica) traz a noção de causa eficiente, e a terceira via conhecida como o argumento cosmológico, toma por base as noções de Aristóteles de *necessidade* e *contingência*. (MARCONDES, 2010, p. 132)

Como dito acima, talvez a obra de Aristóteles pelo seu caráter mais didático e sistemático, tenha permitido uma melhor análise de todo um conjunto de funções a cerca da natureza da memória e das propriedades que faz parte dos principais atributos da mente humana. Ora, nesse contexto, as obras de Aristóteles, com a sua preocupação de um saber voltado para uma realidade natural, vão despertar grande interesse e curiosidade. Do ponto de vista filosófico, devemos destacar no pensamento desse período, o surgimento das universidades e a criação das ordens religiosas, como os franciscanos e os dominicanos. Tomás de Aquino além de ser um frade dominicano, também teve sua carreira ligada às universidades da época. Nesse momento é grande o interesse pelas obras de Aristóteles e dos pensadores árabes, que traziam uma novidade sobre o conhecimento das ciências naturais, percebido logo pelas universidades.

Tomás de Aquino em seus estudos filosóficos dedicou-se a fazer uma síntese entre o pensamento helênico e o cristianismo, e vai apoiar-se para tanto, fundamentalmente no pensamento de Aristóteles, que dizia só existir o mundo em que vivemos e que a inteligência humana é a única forma de alcançar a verdade. Tomás quis mostrar não haver nenhuma incompatibilidade entre o real conhecido pela razão, e o real criado por Deus. Tomás tenta repensar a relação entre fé e razão a partir de uma releitura de Aristóteles, ao defender o pensamento de Aristóteles em valorizar a inteligência humana. Através desse estudo, Tomás vai ser o primeiro a mostrar que tudo o que conhecemos pela razão é plenamente entendido, devidamente compreendido pela fé, demonstrando ser a razão e a fé complementares e não excludentes. Com isso, dar um novo sentido a essas duas formas do saber e de conhecimento.

Bibliografia:

FONTES PRIMÁRIAS:

- ARISTÓTELES. *A memória e a reminiscência* in: Tomás de Aquino, Comentário sobre “A memória e a reminiscência” de Aristóteles. Tradução edição e notas Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2016.
- ARISTÓTELES. *Da alma*. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- ARISTÓTELES. *Parva Naturalia*. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson BINI. São Paulo: Edipro, 2012.
- ARISTÓTELES. *Da memória e da reminiscência*. _____. On the soul – parva naturalia – on breath. Harvard University Press, Cambridge, Mass. 1986
- TOMÁS DE AQUINO, *Comentário sobre “A memória e a reminiscência” de Aristóteles*. Tradução edição e notas Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2016.
- TOMÁS DE AQUINO, *Comentário à Metafísica de Aristóteles*. I-IV. Volume 1. Edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas SP: Edipro, 2016.
- TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*. Coordenação: Carlos Josapha. Volume 2. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra gentios*. Trad. de Odilão Moura, Ludgero Jasper e Luis Alberto de Boni. Porto Alegre: SULINA, EST, UCS, 1990. vols. I e II.

FONTES SECUNDÁRIAS:

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. 1ª edição: Alfredo Bossi; revisão: Ivone Castilho Benedetti. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BERGSON, H. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves - São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FAITANIN, P. “A memória segundo Tomás de Aquino”, *Aquinate*, 3 (2006), p.123-132. Consultado em maio de 2017: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/estudo-faitanin-memoria.pdf>
- FAITANIN, P. “Os sentido como portas de acesso ao ser, segundo Tomás de Aquino”, *Aquinate*, 6 (2008), p.223-233. Consultado em maio de 2017: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Estudo-2-Faitanin-1.pdf>

FAITANIN, P. VEIGA, B. "Introdução" in: *Comentário sobre "A memória e a reminiscência" de Aristóteles*. São Paulo: Edipro, 2016.

IZQUIERDO, I. *A arte de esquecer – cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro: Vieira Y Lent, 2004.

LALANDE, Andre. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Trad. De Fátima Sá Correia et al. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990.
<http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07.pdf>

MARCONDES, D. *Iniciação à História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

NUNES COSTA, M.R. "O processo do conhecimento humano em Tomás de Aquino", *Ágora Filosófica*, Ano 11, n. 2 (2011), p. 215-224.

PLATÃO. *Fédon*. (in Diálogos: Fédon - Sofista - Político). Ediouro, s/d.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1984. Livro X 7-26 (sobre memória); Livro XI (sobre o homem e o tempo).

TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ZUCHI, Claudir Miguel. O processo do conhecimento abstrato em São Tomás de Aquino, Porto Alegre: 1999 (Dissertação de Mestrado).

A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural.
<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a08v2171.pdf> Acessado em 24/04/2017

Memória e Caráter: Aristóteles e A História Pessoal.
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/viewFile/8790/5803>

Paul Ricoeur. Memória, história, esquecimento.
<http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia>

REFLEXÕES EM TORNO DA CONFABULAÇÃO E DA FABRICAÇÃO DA MEMÓRIA: CONTINUIDADE OU RUPTURA ENTRE REAL E IMAGINÁRIO?
[file:///C:/Users/Leticia/Downloads/3402-12734-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Leticia/Downloads/3402-12734-1-PB%20(1).pdf) Acessado em 21/04/17.

